



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 20, janeiro a junho de 2008

**A RELAÇÃO ENTRE TURISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS
CONTRIBUIÇÕES NA LUTA POR UM MUNDO MAIS JUSTO E
PRESERVADO**

Ana Hartmann Figurelli¹

Ivalina Porto²

RESUMO

Atualmente já é comprovada a existência de uma ligação entre a atividade turística e a Educação Ambiental, porém a mesma é ainda bastante contestada e tem seu caminho muito pouco explorado. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo, através de uma discussão aprofundada desta temática, a elucidação de que o Turismo pode sim ser um meio efetivo de educar ambientalmente a população e, ao mesmo tempo, fazer uso das ferramentas da Educação Ambiental em seu próprio benefício. Em um primeiro momento foi feito separadamente um estudo a respeito dos assuntos principais: Turismo e Educação Ambiental; para finalmente discorrer-se a respeito da relação existente entre ambas as áreas.

Palavras-Chave: Turismo - Educação Ambiental – Transformação socioambiental

¹ Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da FURG. E-mail: anafigurelli@yahoo.com.br.

² Professora do PPGEA e orientadora de mestrado da primeira autora do presente artigo. E-mail: ivalina@terra.com.br.

ABSTRACT

Nowadays an association between Tourism and Environmental Education is proved, but it is still questioned and its path is too little explored. Therefore, this article's goal is, through a deep discussion about this theme, to elucidate that Tourism can surely be an effective way to educate the population about the environment and, at the same time, make use of the Environmental Education tools for its own benefit. At first a separate study about the main subjects, Tourism and Environmental Education, was made; and then we finally discussed about the relation between both areas.

Keywords: Tourism – Environmental Education – social and environmental transformation

1 Introdução

O Turismo caracteriza-se por ser um dos segmentos da economia mundial que mais tem se expandido nos últimos anos. A atividade demonstra uma enorme capacidade de geração de renda e empregos e oscila, conforme Lemos (2000), entre a terceira e a quarta atividade econômica de maior geração de renda no mundo. Entretanto, tal crescimento desenfreado começa a refletir negativamente em inúmeras esferas da sociedade e, principalmente, na própria atividade turística, a qual depende da cultura e dos recursos naturais de uma localidade para se desenvolver e sobreviver.

Diante do presente cenário de depredação do meio ambiente e de grandes desigualdades sociais, não é mais possível fechar os olhos e seguir em frente da mesma forma. O mundo clama por uma nova ótica organizacional e ações concretas de preservação [ou seria mais coerente utilizar a palavra restauração?] não só do meio natural como também e, essencialmente, do homem em seus mais diversos aspectos e suas mais variadas relações. Assim, neste contexto, o presente artigo propõe a utilização da Educação Ambiental e de suas estratégias como ferramentas na busca de um Turismo planejado, bem desenvolvido e auto-sustentado; e, em sentido inverso, a opção do uso desse último como educador ambiental e contribuinte na busca da conscientização ambiental e conseqüente preservação do meio.

Primeiramente será discorrido a respeito das duas áreas envolvidas, Turismo e Educação Ambiental, para que então seja possível ao leitor uma maior compreensão do assunto que se segue, ou seja, a inserção da Educação Ambiental na atividade turística.

2 Turismo

Definir turismo é um grande desafio que exige pesquisa e dedicação total. Devem ser levadas em consideração todas as áreas que, de alguma forma, movimentam os equipamentos turísticos gerando renda aos mesmos e conseqüentemente à comunidade em que estão inseridos. Do turismo ecológico ao turismo rural passando pelo turismo de negócios e o religioso, todos são merecedores de atenção na busca pelo significado desta atividade. Segundo Ignarra (1999, p. 25), o turismo pode ser visto como “o deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante”. Essa é uma visão um tanto simplista, porém não excludente que descreve com objetividade a atividade em questão.

Para melhor definir o turismo deve-se utilizar um conceito mais profundo e abrangente:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produtos e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. (MOESCH, 2000, p. 9)

No que diz respeito aos tipos de turismo, serão comentados aqui o turismo natureza que, segundo Mckercher (2002, p. 17) engloba o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo educacional, o turismo rural e uma profusão de outros tipos de experiências proporcionadas pelo turismo ao ar livre e alternativo; e o turismo cultural, já que ambos estão mais diretamente ligados ao objeto que será proposto a seguir.

O setor de turismo de natureza é delicado, pois lida com diversos e distintos problemas de caráter ético e ambiental. Ele se defronta com a tarefa dupla e conflitante de usar áreas naturais e assegurar que a integridade ambiental das mesmas seja mantida e, por esse motivo, está diretamente ligado à idéia de turismo sustentável. Conforme Mckercher (2002), a sustentabilidade ecológica do turismo é garantir a sustentabilidade de acesso à sua base de recursos. Porém, o turismo de natureza é muito comercializado nos dias de hoje gerando um desgaste e até mesmo uma dessacralização do ambiente natural. Para que isso ocorra em menor intensidade, precisa-se pensar e planejar estratégias que sejam realistas e de implementação imediata.

Já no âmbito do turismo cultural existem diversas discussões no que se refere ao conceito do mesmo e isso se deve ao fator cultura estar presente em qualquer localidade, independentemente do tipo de turismo a ser praticado. Porém, muitos autores afirmam que o turismo cultural é aquele que tem como principal objetivo o

conhecimento específico das manifestações culturais de um determinado local. Assim, de acordo com Barretto (1995, p. 21),

o turismo cultural no sentido mais amplo seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem.

O turismo é uma atividade que tem como produtos principais a cultura e os recursos naturais de uma localidade receptora, e depende igualmente de ambos para se desenvolver e sobreviver. Porém, com o passar dos anos, em consequência de um turismo não planejado e de rápida evolução, essas fontes vêm sendo depreciadas e altamente prejudicadas pela própria atividade em questão. Isto é constantemente estudado por profissionais de diversas áreas, os quais procuram encontrar a melhor maneira de minimizar esse impacto e aumentar a consciência ambiental da população.

Entre os estudiosos e pesquisadores do turismo a solução apontada para a problemática acima é uma: o desenvolvimento de um turismo sustentável. Mas o que realmente significa a sustentabilidade? Segundo Beni (2004, p. 1) a unanimidade é que “sustentabilidade é um conceito que envolve o longo prazo, que gera valor agregado por meio de lei de otimização e não da maximização da renda, assegurando a inclusão e a coesão social e política num processo de desenvolvimento integrado e integral”. Porém, por outro lado, esse é um conceito aberto a diversas interpretações, o que gera muitas vezes ações não condizentes com a verdadeira essência do mesmo.

Devido à grande visibilidade da questão ambiental nos últimos tempos, muitas localidades utilizam termos como desenvolvimento sustentável e turismo sustentável de forma deliberada apenas como estratégia de *marketing* visando um suposto status. E isso acaba gerando uma certa desconfiança, tal como comentam Lockwood & Medlik (2003, p. 279) para quem o termo sustentabilidade tornou-se

uma provocação negativa, o rótulo para uma cultura de desonestidade, a representação máxima da adulação. Todos os discursos, todos os artigos, todos os pronunciamentos de políticos ou de profissionais de turismo repetem essa palavra de forma incansável – embora, infelizmente, em desacordo com o seu significado e conteúdo reais.

A atividade turística como se conhece hoje, muito se assemelha com o atual paradigma econômico – o capitalismo. Isso ocorre no sentido que ambos visam o lucro imediato não tendo uma real preocupação com a preservação do ambiente como um todo, do qual são total e inevitavelmente dependentes. Diante deste cenário, deve-se encarar o turismo da mesma maneira como a sociedade, ou seja, como sendo um

sistema aberto no qual ocorrem constantes intercâmbios e inúmeros conflitos vitais para a sua manutenção e transformação; e não como um sistema fechado, estável e organizado.

Visto que o debate ambiental é político e deve focar questões diversas da sociedade, o turismo depende do estímulo de uma postura participativa nas pessoas - tanto individual quanto coletivamente - uma vez que, como diz Krippendorf (2001, p. 136), “somente uma outra sociedade e outras condições de vida produzirão um outro turista. Uma sociedade doente não pode produzir um turista sadio”. O autor ainda aponta que:

Uma política do turismo que respeite o ser humano e o meio ambiente deve buscar o seguinte objetivo principal: assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone. (KRIPPENDORF, 2001, p. 135-136)

O turismo possui em sua essência uma capacidade educativa e de tomada de consciência, uma vez que possibilita aos viajantes uma fuga da rotina cotidiana, proporcionando a visualização de questões que passam despercebidas no seu dia-a-dia. O turista retorna ao seu local de origem mais consciente dos problemas socioambientais não só do destino visitado, mas também dos de sua própria comunidade. Segundo Sampaio (2003, p. 132) o turismo pode “transformar-se em uma estratégia alternativa de um desenvolvimento mais sustentável, valorizando e preservando tradições e relações sociais, racionalizando o uso dos recursos naturais, e, ainda, gerando renda e aproveitando as capacidades humanas locais”. E é com essa base que se propõe a utilização da Educação Ambiental como um dos caminhos em direção ao tão almejado desenvolvimento sustentável não só da atividade turística em si, mas também da própria sociedade.

3 Educação Ambiental

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida. (CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE TBILISI, 1977 apud SATO, 2004, p. 23-24)

É a partir da década de 70 que o mundo começa a abrir os olhos para questões relacionadas com o meio ambiente, intensificando assim o debate ambiental e culminando no surgimento do termo Educação Ambiental (EA) tal como se conhece hoje. Para um real entendimento desta recente forma educacional é essencial ter-se claro qual o conceito de meio ambiente que a ela está relacionado, já que é a partir do mesmo que será definido o seu alcance.

Embora nos primórdios do surgimento da terminologia o meio ambiente fosse encarado de uma forma reducionista, biologicista e excludente, hoje o conceito apresenta - na maior parte dos casos - uma visão mais abrangente. Para Velasco (2002, p. 37), meio ambiente é “o espaço-tempo histórico ocupado pelos entes no qual transcorre a vida dos seres humanos”.

Ruscheinsky e Costa, em seu texto ‘A EA a partir de Paulo Freire’ (2002), citam Oliveira (1999, p. 40-1) para defender a sua visão do conceito. Para ele, o ambiente é o homem e o seu lugar e/ou o homem no seu lugar, ou seja, envolve o homem em todas as suas dimensões e interações, sejam elas com o meio natural, com os seus semelhantes ou consigo mesmo. Portanto, no âmbito da EA, deve ser sustentada uma óptica não-biologicista do meio ambiente tendo ele um perfil socioambiental, o qual não se restringe à natureza e às questões ecológicas mas abrange também o homem como um todo.

Tal abordagem faz com que venham à tona não somente problemas pontuais (como áreas de preservação) e globais (como o efeito estufa), mas essencialmente questões sobre as precárias condições de vida de grande parcela da população e os impactos provocados tanto na sua (sobre)vivência, quanto na natureza com a qual se relacionam. Sendo assim, se torna claro que a sociedade sofre graves conseqüências de um modelo organizacional onde tudo e todos são considerados produtos passíveis à exploração e, principalmente, onde a natureza é tratada como algo a serviço e disposição do homem e não como parte integrante do mesmo.

É nesse cenário de pobreza e devastação, o qual clama por drásticas medidas transformadoras, no qual a EA deve atuar. Seu objetivo primeiro e último é o despertar de uma visão crítica da sociedade por parte das pessoas, fazendo com que as mesmas enxerguem, contestem e, mais importante, modifiquem a sua realidade. É como diz Saito (2002), não basta somente um compromisso com a transformação social, é primordial uma vivência efetiva de ações realmente transformadoras.

O horizonte de aplicação da EA é imenso, podendo ela atuar tanto em instituições formais como não formais de ensino. Em ambos os casos visa um envolvimento total e verdadeiro de seus participantes, sejam eles educandos ou educadores, buscando uma interação e uma complementaridade entre eles durante o processo de aprendizagem.

A EA possui várias vertentes e formas de pensar o conceito e aplicá-lo nas mais diferentes áreas da sociedade, sendo algumas extremamente conservacionistas e outras mais liberais e críticas. As formas conservacionistas e de caráter moralista têm como centro de discussão somente a dimensão ecológica da crise ambiental vivida atualmente, ignorando o contexto social em que a mesma está inserida. Segundo Loureiro (2006, p. 22), essa educação tradicional e conservadora possui “relações de poder hierarquizadas e dicotomias”, além de representarem um “ambientalismo compatibilista com o capitalismo verde que prega mudanças superficiais e não de lógica societária”.

Para o autor, a visão de EA com a qual se deve trabalhar é aquela voltada para a sociedade como um todo, assim como indiscriminadamente a todas as relações que ocorrem dentro dela. É o que ele denomina EA transformadora - podendo também ser chamada de crítica, popular ou emancipatória – e diz ser primeira e prioritariamente dialógica e política, promovendo a conscientização através da práxis.

A Educação Ambiental transformadora é aquela que possui um conteúdo emancipatório, em que a dialética entre forma e conteúdo se realiza de tal maneira que as alterações da atividade humana vinculadas ao fazer educativo, impliquem mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjurais, econômicas e culturais. (LOUREIRO, 2006, p. 89)

De acordo com Loureiro (2006, p. 29), a EA “promove a conscientização e esta se dá na relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida”. Ele ainda afirma que esta perspectiva crítica e emancipatória entende a necessidade de uma educação integrada às outras esferas da sociedade, para que assim sejam fomentadas políticas públicas democráticas e iniciativas capazes de romper com o atual modelo societário.

Outros autores também chamam a atenção para o desenvolvimento de uma EA que trate crítica e simultaneamente, e com o mesmo grau de importância, questões

sociais e da natureza. Sansolo & Cavalheiro (2003, p. 124) se referem à mesma como uma Educação Popular Ambiental e dizem que um dos seus princípios básicos “é o de se partir da realidade social e ambiental materializada em um determinado território” e que essa se propõe a “promover uma transformação da qualidade ambiental e, portanto social, orientada pela participação da população envolvida nesta realidade”.

4 A inserção da Educação Ambiental na atividade turística

O termo Educação Ambiental carrega em si duas idéias básicas as quais são capazes de induzirem teóricos e demais estudiosos a uma leitura e uma prática reduzida e fragmentada da mesma. De acordo com Layrargues (2004), o vocábulo é composto pelo substantivo ‘educação’ (que confere a sua essência) e pelo adjetivo ‘ambiental’ (que anuncia o contexto desta prática educativa) e designa uma qualidade especial definindo características que juntas permitem o reconhecimento de sua identidade diante de uma educação que anteriormente não era ambiental. Ocorre que frequentemente é conferida exagerada ênfase a um desses aspectos em detrimento do outro, ou seja, é considerado somente o ambiental – caracterizando ações e teorias puramente conservacionistas, as quais não dão devida importância ao papel do humano na natureza – ou o educacional – menos prejudicial já que toda a educação por princípio deveria ser ambiental.

Embora a segunda situação acima citada seja aparentemente inofensiva, corre-se o risco de cair na armadilha de achar que a educação formal sozinha é capaz de resolver todo e qualquer problema da humanidade, seja ele ambiental ou não. Loureiro (2006), forte defensor de uma EA crítica e transformadora da realidade como visto anteriormente, destaca a importância de relacionar uma práxis educativa cidadã e participativa com as demais esferas da vida, vendo a educação como um processo global para além do ensino formal. Para o autor

é idealismo ingênuo e simplista creditar à educação a “salvação do planeta”. Por ser um processo de aprendizagem com o outro e pelo outro, mediado pelo mundo, e, portanto, algo intrínseco à realização da natureza humana, é fundamental e primordial, no entanto, sua centralidade só ganha concretude à medida que a entendemos no seu movimento de definição e objetivação da história. (2006, p. 97)

Neste sentido, é latente a necessidade do fomento de atividades que discutam e realizem ações de EA fora das barreiras dos muros escolares, assim contextualizando e reforçando valores e visões de mundo já trabalhadas dentro das salas de aula. São

inúmeras as possibilidades, da utilização de instrumentos de mídia à promoção de práticas de lazer, porém aqui somente uma delas será analisada e estudada profundamente: a atividade turística.

O turismo, desde o seu surgimento, consolidou-se em uma prática de fuga da vida cotidiana e busca de novos locais onde fosse possível o desligamento da realidade e o reencontro com a natureza, tanto aquela propriamente dita quanto a própria natureza humana. Com a evolução da humanidade, a aceleração dos modos de produção e de vida cresce a necessidade do relaxamento e a busca por um maior contato com a natureza, o que acarreta no aparecimento de roteiros e tours turísticos em locais pouco impactados pela ação humana e no conseqüente aparecimento do chamado ecoturismo, que é definido como

um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas. (EMBRATUR apud AMÂNCIO, 2005, p. 68)

Tal definição é bastante esclarecedora no sentido que aborda aspectos naturais e culturais como equivalentes, ou seja, ambos como produtos de igual importância para o desenvolvimento e a prática do ecoturismo. Não exclusivamente sítios intocados e isolados de toda e qualquer influência humana devem ser explorados e valorizados, uma vez que a grande riqueza de uma localidade está na combinação entre sua cultura e suas belezas naturais e, sendo assim, devem ser igualmente apreciadas e preservadas. Além disso, fica clara uma preocupação com a sustentabilidade não só da atividade em si e do meio no qual a mesma se dá, mas, principalmente, da qualidade de vida das pessoas envolvidas neste processo. De acordo com Costa & Costa (2005, p. 44), o conceito implica em “valorização do patrimônio natural e cultural e no comportamento de bem estar das populações locais, ou seja, é entendido como modalidade de ‘Turismo Sustentável’ e não apenas como um segmento da atividade turística centrada unicamente no ‘bem natural’”.

Outros autores também abordam o ecoturismo sob a ótica da sustentabilidade e da construção de valores socioambientais, tais como Pedrini & Torgano (2005, p. 14) para quem o ecoturismo

[...] deve ser uma alternativa econômica de baixo impacto ambiental e capaz de contribuir para o desenvolvimento sustentável de uma dada região. Deve ainda, pelo simbólico e o lúdico, permitir a aprendizagem de novas atitudes de respeito aos valores ambientais e culturais, consolidando nova postura ética, respeitando a natureza e o outro, ou seja, os demais elementos das atuais e futuras gerações das sociedades humanas.

Esta forma de turismo voltada à apreciação da natureza e dos aspectos mais simples da vida vem crescendo rapidamente nos últimos anos e tornando-se um dos setores mais promissores deste setor, provocando um significativo recuo na demanda pelos pacotes turísticos tradicionais. Segundo Layrargues (2004, p. 2), o ecoturismo é o setor do mercado turístico que mais cresce em todo o mundo, movimentando no Brasil cerca de meio milhão de turistas, 500 milhões de reais ao ano e criando por volta de 30 mil empregos diretos. Embora esta mudança seja aparentemente benéfica, deve-se ressaltar também o risco ao qual um local com potencial ecoturístico está exposto. Para Serrano (2005, p. 17) o ecoturismo é um fenômeno social e assim “não é possível negligenciar os impactos sociais e naturais decorrentes de seu desenvolvimento, em que pese a retórica do ‘baixo impacto’, centrada na imagem do turismo como ‘indústria limpa’”.

Diante desta situação, surge outra questão bastante preocupante e ainda pouco trabalhada pelos estudiosos da atividade turística: a relação estabelecida entre o ecoturismo e os fatores socioeconômicos. Segundo Layrargues (2004, p. 2), a discussão ecoturística envolve essencialmente as relações ecoturismo - proteção da natureza e ecoturismo - dinâmica cultural que, embora satisfatórias como princípio do mesmo, não são suficientes para explicar toda a sua complexidade. Para o autor, diante das condições sociais brasileiras e do grande potencial deste novo mercado, o ecoturismo pode ser considerado “um relevante instrumento de distribuição de renda, mais engajado do que as tímidas menções que se referem à geração de emprego e renda ou melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas, como benefícios econômicos indiretos do ecoturismo”, isto é, deve se constituir uma atividade econômica engajada na busca pela amenização das desigualdades sociais. É como diz Sansolo:

Se por um lado, o ecoturismo como um segmento de mercado é decorrente da mercantilização dos valores ambientalistas, por outro lado é uma das trilhas que o movimento ambientalista tem encontrado para promover o intercâmbio cultural, distribuição de renda e inclusão social e a ampliação dos valores conservacionistas. (2005, p. 9)

É neste sentido que aqui se encontra espaço para a inclusão da EA na atividade turística (ou mais precisamente no ecoturismo), uma vez que a última possui inegável influência sobre as pessoas que a praticam, sobre o ambiente no qual ela acontece e sobre as populações que ali vivem. Layrargues (2004) chama atenção para o fato de tradicionalmente o turismo ser utilizado como ferramenta de EA e não o contrário, isto é, a EA como veículo do turismo. Este fato é de extrema importância uma vez que, por

caracterizar-se uma atividade econômica, o ecoturismo corre o risco de sofrer impactos de si próprio comprometendo assim a sua continuidade. Portanto, de acordo com o autor (2004, p. 4), há uma inversão da lógica e uma mudança nos contornos desta relação no que diz respeito às suas metas: “a importância de uma eficaz sensibilização do turista com relação à proteção ambiental e cultural do espaço visitado, necessária para a natureza e a comunidade local, também se refere à sustentabilidade do próprio negócio ecoturístico”. A EA assume então, papel regulador na expansão da atividade ecoturística para que a mesma não exceda as capacidades de suporte ambiental e cultural de uma determinada localidade:

[...] a educação ambiental aplicada ao ecoturismo caracteriza-se por ser um mecanismo de compensação do risco da atividade econômica, provendo a segurança necessária para que o sucesso do negócio ecoturístico de hoje não signifique o seu fracasso amanhã. (LAYRARGUES, 2004, p. 4)

Mas de que forma podem ser desenvolvidas ações de EA voltadas aos turistas? Segundo Manosso (*apud* COSTA & COSTA, 2005, p. 48) esta deve ser realizada diferentemente da forma tradicional, devendo o ecoturista possuir um mínimo de conhecimento sobre as características geoambientais da área onde serão efetuadas as atividades e sobre as relações socioambientais ali existentes. Diversas são as práticas encontradas, sendo as trilhas interpretativas³, ou trilhas ecológicas, as mais eficientes e comuns. Tais caminhadas, além de oferecerem um grande atrativo como recompensa final, devem ter seu percurso devidamente trabalhado com o intuito de atrair a atenção dos visitantes para os mais diferentes aspectos do meio no qual estão inseridos e assim lhes proporcionar um completo conhecimento do mesmo e uma conseqüente reflexão e sensibilização a seu respeito.

Mesmo diante da importância de tal discussão a respeito das maneiras de praticar a EA dentro da atividade turística, não é ela que neste momento terá ênfase, já que se tem aqui como objetivo primeiro demonstrar a forte ligação entre as duas e reivindicar sua integração na caminhada em busca de uma melhor qualidade de vida e de uma maior geração de renda para as comunidades locais. Portanto, por ora concluindo, reafirma-se a concreta possibilidade de o turismo ser um meio de educar

³ Guillaumon *et al.* (1977) define trilha de interpretação como “um percurso em um sítio natural, propiciando explicações sobre o meio ambiente”. O autor defende que, para os habitantes dos centros urbanos, as trilhas interpretativas podem ter a função de recuperação psíquica e de diversificação, integrando-os em atividades diferentes das quais estão habituados. (*apud* MATHEUS, MORAES & CAFFAGNI, 2005, p. 114)

ambientalmente a população podendo, ao mesmo tempo, fazer uso das ferramentas da Educação Ambiental para benefício próprio.

5 Referências Bibliográficas

AMÂNCIO, Cristhiane Oliveira da Graça. O ensino a distância da Educação Ambiental direcionado para o Ecoturismo: a experiência no curso de especialização por tutoria a distância em Ecoturismo da UFLA/FAEPE (2000-2003). In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 67-92). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BENI, Mario Carlos. **Como certificar o Turismo Sustentável**. Revista Espaço Acadêmico/nº. 37, 2004.

COSTA, Nadja Maria Castilho da & COSTA, Vivian Castilho da. Educação Ambiental pelo Ecoturismo, em Unidades de Conservação: uma proposta efetiva para o parque estadual da pedra branca (PEPB) – RJ. In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 39-65). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **A Função Social do Ecoturismo**. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301e.htm>; Acesso em 18/10/2007.

LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

LEMONS, Leandro de. **Turismo: que negócio é esse? Uma análise da economia do turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LOCKWOOD, A. e MEDLIK, S. **Turismo e Hospitalidade no Século XXI**. Barueri: Manole, 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MCKERCHER, Bob. **Turismo de Natureza: planejamento e sustentabilidade**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Pinsky, 2000.

RUSCHEINSKY, Aloísio & COSTA, Adriane Lobo. A Educação Ambiental a partir de Paulo Freire. In RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas** (pp. 73-89). Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAMPAIO, Carlos Alberto. **Turismo: uma busca de outra racionalidade**. Rio Grande, Revista Ambiente e Educação, n. 8: 131 - 141, 2003.

SATO, Michèle. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2004.

SAITO, Carlos Hiroo. Política Nacional de Educação Ambiental e construção da cidadania: desafios contemporâneos. In RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas** (pp. 47-59). Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANSOLO, Davis Gruber & CAVALHEIRO, Felisberto. Geografia e Educação Ambiental. In SANTOS, José Eduardo dos & SATO, Michele (orgs.). **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora** (pp. 109-131). São Carlos: Rima, 2003.

SERRANO, Célia M. Toledo & BRUHNS, Heloisa T. (orgs.). **Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão & TORGANO, Milta Fonseca. Ecoturismo com Educação Ambiental: discursos e práticas. In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 13-38). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

VELASCO, Sirio Lopez. Querer-Poder e os Desafios Socioambientais do Século XXI. In RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas** (pp. 37-46). Porto Alegre: Artmed, 2002.